

ano passado, o montante disponível foi de R\$ 60,96 milhões, ante os R\$ 31,12 milhões de 2006, crescimento de 95,8%. Para este ano, a proposta orçamentária prevê R\$ 200 milhões de subvenção. O temor é que a verba fique retida ou seja desviada para outras ações do governo federal. Vale ressaltar também os programas estaduais de subvenção, com destaque para o do governo paulista, que subsidia 50% do prêmio.

Por sua vez, entre os desafios, merece atenção a metodologia dos cálculos de produtividade levados em conta no programa federal de subvenção.

Pelo modelo atual, as apólices observam a produtividade média municipal calculada pelo IBGE, com base nas cinco últimas safras. O sistema admite diferenças regionais, mas não prevê que em uma mesma região possam existir diversos perfis de produtores, com produtividades diferentes.

A generalização dos dados prejudica a composição das apólices, que acabam ficando inadequadas às necessidades de cobertura desse ou daquele produtor. É preciso depurar melhor as estatísticas de produtividade, a fim de personalizar a avaliação dos riscos e, conseqüentemente, das respectivas coberturas.

O seguro rural é indispensável ao agro-negócio moderno. É uma ferramenta de gestão de riscos que garante a manutenção do produtor na atividade. É, por exemplo, mais barato e eficaz que programas de renegociação de dívidas. Se o seguro rural já fosse mais desenvolvido no País, o endividamento do setor seria bem menor, ou nem existiria.

A Sociedade Rural Brasileira vai continuar com a missão de ampliar o ganho de consciência da importância do seguro rural, que deve ser compreendido como um insumo básico do negócio, assim como a semente, o fertilizante, o defensivo, o calcário, a ração, entre tantos outros. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

Opinião

O homem é aquilo que come



João Sampaio*

A AFIRMAÇÃO atribuída a Hipócrates, o pai da medicina, “o homem é aquilo que come”, reflete a preocupação do homem moderno em só consumir produtos com origem e segurança comprovadas. O tema do alimento seguro tomou conta da mídia, é o cerne de negociações internacionais, e alternativa estratégica para o desenvolvimento econômico das nações. Um dos nichos pouco explorados pelo Brasil é o dos alimentos orgânicos, cuja demanda mundial cresce vertiginosamente.

O conceito de agricultura orgânica surgiu na década de 30, com o inglês Sir Albert Howard, quando pesquisava a utilização da matéria orgânica e a manutenção da vida biológica do solo. De lá para cá, a mudança nos hábitos alimentares acompanha também as transformações econômicas das nações. Na Europa do pós-guerra, o importante era a segurança alimentar (ter comida para todos e a preços compatíveis). No novo milênio, os europeus querem alimento seguro e assim também é a demanda de todos os outros países ricos.

Em países como o Canadá, por exemplo, os supermercados têm departamentos inteiros voltados para a agricultura orgânica, biodinâmica, ambientalmente sustentável, baseada no *fair trade*. Nos Estados Unidos, a educação alimentar é tema de preocupação nacional e caso de

saúde pública devido ao crescimento do número de obesos e de potenciais cardíacos na população.

Em recente visita à Secretaria de Agricultura, empresários da Coréia do Sul externaram a necessidade de expor produtos agrícolas brasileiros e intensificar o comércio para um mercado consumidor com renda anual *per capita* acima de US\$ 20 mil. Acostumados com a “commoditização” de nossas vendas, pensamos em soja, ou mesmo etanol. Surpreendentemente, os coreanos querem produtos orgânicos, cafés especiais, mel certificado e suco de laranja natural.

O potencial é enorme. É mais prático certificar e trabalhar em pequenos nichos que vender produtos agrícolas em massa. A organização das cadeias produtivas específicas começa a aparecer. As associações de produtores orgânicos, câmaras setoriais e certificadoras já nascem com o gene do alimento seguro.

A agricultura orgânica contou com um enorme apoio a partir do decreto que regulamentou a Lei 10.831/03 no tocante à produção, ao armazenamento, transporte, à rotulagem, certificação, comercialização e fiscalização. Antes, legalmente, o processo não existia. Com a criação do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica, que teve como base as diretrizes do *Codex Alimentarius* para a produção orgânica e regulamentos já adotados nos Estados Unidos, União Européia e Japão, as relações comerciais com outros países ficam facilitadas.

Há 15 mil produtores na área da agricultura orgânica numa área estimada em 800 mil hectares. O potencial é vasto. Há 40 anos, o Brasil não produzia um grão de soja no cerrado, hoje estamos entre os maiores produtores e exportadores do mundo. A inovação tecnológica e o empreendedorismo possibilitaram a revolução e a criação da agricultura tropical brasileira. Com a agricultura orgânica, as perspectivas devem deixar de ser pequenas e se agigantar diante das enormes oportunidades. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo